



Notas Sobre Literatura Leitura e Linguagens 2

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens 2

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

N899 Notas sobre literatura, leitura e linguagens 2 [recurso eletrônico] /
Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Notas Sobre Literatura, Leitura e Linguagens;
v.2)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-070-4

DOI 10.22533/at.ed.704192501

1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Literatura – Estudo e ensino.
3. Linguística. I. Gomes, Angela Maria.

CDD 372.4

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura, Leitura e Linguagens vem oportunizar reflexões sobre as temáticas que envolvem os estudos linguísticos e literários, nas abordagens que se relacionam de forma interdisciplinar nessas três áreas, na forma de ensino e dos seus desdobramentos.

Abordando desde criações literárias, contos, gêneros jornalísticos, propagandas políticas, até fabulas populares, os artigos levantam questões múltiplas que se entrelaçam no âmbito da pesquisa: Desde o ensino de leitura, de literatura em interface com outras linguagens e culturas que fazem parte do contexto nacional, como a indígena, a amazonense, a dos afros descendentes até vaqueiros mineiros considerados narradores quase extintos que compartilham experiências e memórias do ofício, as quais são transcritas. Temas como sustentabilidade, abordagens sobre o gênero feminino e as formas de presença do homem no contexto da linguagem também estão presentes.

Os artigos que compõem este volume centram seus estudos não apenas no texto verbal e escrito, mas nas múltiplas linguagens e mídias que configuram a produção de sentidos na contemporaneidade. A evolução da construção de novas composições literárias com uso de imagens, vídeos, sons e cores foi aqui também tema de pesquisas, assim como o uso das novas tecnologias como prática pedagógica, incluindo Facebook – mídia/rede virtual visual – e o WhatsApp - aplicativo para a troca de mensagens -. Falando em novas práticas, o estudo do modelo de sala invertida - Flipped Classroom - que propõe a inversão completa do modelo de ensino, igualmente foi aqui apresentado e estudado como proposta de prover aulas menos expositivas, mais produtivas e participativas.

A literatura é um oceano de obras-primas. Diante desse manancial de possibilidades, a apreciação e análises comparativas de grandes nomes apresentados aqui, incluindo William Shakespeare, Guimarães Rosa, Machado de Assis, João Ubaldo Ribeiro, Carlos Drummond de Andrade, Rubens Fonseca, Dias Gomes, entre outros, traz uma grande contribuição para se observar cada componente que as constitui. Desse modo, fica mais acessível a compreensão, interpretação e assimilação dos sentimentos e valores de uma obra, fazendo um entrelaçamento da leitura, literatura e estudos da linguagem.

Assim, esta coletânea objetiva contribuir para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Letras - Linguística e Literatura - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| CAPÍTULO 1 | 1 |
| DESEMPENHO DE PROFESSORES DE LÍNGUA INGLESA EM UM TESTE ESCRITO | |
| Ariane Moreira Tavares Eduardo Batista da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925011 | |
| CAPÍTULO 2 | 17 |
| (DES) ENCONTROS, O MUNDO UNE E SEPARA: O ENTRE-LUGAR EM GUIMARÃES ROSA E MIA COUTO | |
| Josiane Lopes da Silva Ferreira | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925012 | |
| CAPÍTULO 3 | 26 |
| DIÁLOGO ENTRE CÂNONE E PRODUÇÃO DE FICÇÃO CONTEMPORÂNEA: DO TRADICIONAL AO ATUAL | |
| Kátia Cristina Pelegrino Sellin Ricardo Magalhães Bulhões | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925013 | |
| CAPÍTULO 4 | 37 |
| DIÁLOGO SOCIAL E FORÇAS ESTRATIFICADORAS DA LÍNGUA: UMA ANÁLISE DIALÓGICA ATRAVÉS DAS RÉPLICAS ATIVAS NAS PUBLICAÇÕES DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) NO INSTAGRAM | |
| Manuel Álvaro Soares dos Santos Erika Maria Santos de Araújo | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925014 | |
| CAPÍTULO 5 | 52 |
| ENEIDA MARIA DE SOUZA: A CRÍTICA QUE É A MIM TÃO CULT | |
| Camila Torres Edgar César Nolasco dos Santos | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925015 | |
| CAPÍTULO 6 | 64 |
| ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA PARA SURDOS: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA | |
| Iris Cynthia de Souza Ferreira Antonio Henrique Coutelo de Moraes Madson Góis Diniz | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925016 | |
| CAPÍTULO 7 | 73 |
| ENTRE O NADA E O TUDO- A MORTE HUMANA | |
| Denise Moreira Santana Nathália Coelho da Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925017 | |
| CAPÍTULO 8 | 83 |
| EDUCAÇÃO PARA A LUTA: UMA LEITURA DO CONTO “FAUSTINO”, DE JOSÉ LUANDINO VIEIRA | |
| Diana Gonzaga Pereira | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925018 | |

| | |
|--|------------|
| CAPÍTULO 9 | 90 |
| ESPAÇO E OPRESSÃO EM SELVA TRÁGICA DE HERNÂNI DONATO | |
| Jesuino Arvelino Pinto | |
| DOI 10.22533/at.ed.7041925019 | |
| CAPÍTULO 10 | 101 |
| <i>ESPAÑOL CON FINES ESPECÍFICOS: ESTRUTURANDO UMA DISCIPLINA DE ESPAÑOL DE LOS NEGOCIOS</i> | |
| Pedro Paulo Nunes da Silva | |
| Silvia Renata Ribeiro | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250110 | |
| CAPÍTULO 11 | 115 |
| EXISTENCIALISMO E SURREALISMO EM DESERTO DOS TÁRTAROS DE DINO BUZZATI: ANÁLISE DA RELEITURA CINEMATOGRAFICA DE VALERIO ZURLINI | |
| Sandra dos Santos Vitoriano Barros | |
| Helciclever Barros da Silva Vitoriano | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250111 | |
| CAPÍTULO 12 | 127 |
| O FACEBOOK E O ENSINO DE LÍNGUA: UMA PROPOSTA POSSÍVEL | |
| Josefa Maria dos Santos | |
| Benedito Gomes Bezerra | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250112 | |
| CAPÍTULO 13 | 145 |
| IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO USO DA INTERTEXTUALIDADE NO ENSINO DE LITERATURA NO ENSINO MÉDIO | |
| Ronaldo Miguel da Hora | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250113 | |
| CAPÍTULO 14 | 159 |
| LEITURAS ROSIANAS: COMICIDADE, CULTURA E LITERATURA | |
| João Paulo Santos Silva | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250114 | |
| CAPÍTULO 15 | 167 |
| LITERATURA E AS MÍDIAS VISUAIS: UMA RELAÇÃO | |
| Lídia Carla Holanda Alcantara | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250115 | |
| CAPÍTULO 16 | 177 |
| LITERATURA E TANATOLOGIA EM QUESTÃO: QUANDO A MORTE FALA DA VIDA | |
| Katrícia Costa Silva Soares de Souza Aguiar | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250116 | |
| CAPÍTULO 17 | 190 |
| MACABÉA FRENTE AO ESPELHO: DISSONÂNCIAS PROLÍFERAS E RESSONÂNCIAS DO GAUCHE DRUMMONDIANO | |
| Saul Cabral Gomes Júnior | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250117 | |

| | |
|---|------------|
| CAPÍTULO 18 | 200 |
| MEMÓRIA CULTURAL: ANÁLISE DA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DO INDÍGENA BRASILEIRO POR MEIO DO CONHECIMENTO ANCESTRAL | |
| Aline Santos Pereira Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250118 | |
| CAPÍTULO 19 | 211 |
| NARRADOR E FOCALIZAÇÃO NO ROMANCE <i>ÍRIS: AS ORQUÍDEAS</i> , DE NOEMI JAFFE | |
| Josilene Moreira Silveira | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250119 | |
| CAPÍTULO 20 | 221 |
| NARRADORES DE JAVÉ: UMA ANÁLISE DA LÍNGUA COMO INTERPRETANTE DA SOCIEDADE | |
| Aline Wieczikovski Rocha | |
| Catiúcia Carniel Gomes | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250120 | |
| CAPÍTULO 21 | 231 |
| NARRATIVAS DE PROFESSORAS: PRESENCAS E SENTIDOS DE PRÁTICAS LEITORAS NA CRECHE | |
| Luziane Patricio Siqueira Rodrigues | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250121 | |
| CAPÍTULO 22 | 242 |
| “NAVEGANDO À TERRAS DISTANTES”: TEATRO CONTEMPORÂNEO PARA CRIANÇAS | |
| Diego de Medeiros Pereira | |
| Simoni Conceição Rodrigues Claudino | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250122 | |
| CAPÍTULO 23 | 255 |
| O DESAFIO DAS LITERATURAS INDÍGENA E AFRO-BRASILEIRA: AÇÕES DE RESISTÊNCIA E RESILIÊNCIA | |
| Ana Claudia Duarte Mendes | |
| Dejair Dionísio | |
| DOI 10.22533/at.ed.70419250123 | |
| SOBRE A ORGANIZADORA | 270 |

ESPAÇO E OPRESSÃO EM *SELVA TRÁGICA* DE HERNÂNI DONATO

Jesuino Arvelino Pinto

UNEMAT, Campus Universitário de Alto Araguaia
Mestre em Estudos Literários pela UNESP – Campus de Araraquara (2002), Doutor em Estudos Literários pela UNEMAT, Campus de Tangará da Serra (2017). Contato: jesuinounemat@hotmail.com

RESUMO: O propósito deste trabalho é realizar um estudo sobre o espaço literário em **Selva Trágica**, enfatizando seus motivos temáticos centrais e os aspectos formais. A obra oferece uma interpretação ficcional que retrata uma possível história dos trabalhadores da Companhia *Matte Larangeira*, arrendatária de terras devolutas, circunscritas ao Mato Grosso, nas primeiras décadas do século XX, quando as zonas de exploração de erva mate estavam em poder dessa companhia de exportação, que mantinha o monopólio; com sede em Ponta Porã e Buenos Aires. Pode-se estabelecer relação da forma romanesca e a estrutura da sociedade em que ela se desenvolve. A partir de um eixo social, desvela-se a trama das relações que subjagam o homem.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço literário; Hernâni Donato; Narrativa de tensão; **Selva Trágica**

ABSTRACT: The purpose of this work is to carry

out a study on literary space in the **Selva Trágica**, emphasizing its central thematic motives and the formal aspects. The work offers a fictional interpretation that portrays a possible history of the *Matte Larangeira* Company workers, a vacant lands leaseholder, circumscribed to Mato Grosso, in the first decades of the twentieth century, when the mate herb zones exploitation were in the power of that export company, which maintained the monopoly; with headquarters in Ponta Porã and Buenos Aires. It is possible to establish a relation of the romanesque form and the society structure in which it is develop. Since a social axis, the human relation plot that subjugate the man is unveiled.

KEYWORDS: Literary space; Hernâni Donato; Tension narrative; **Selva Trágica**

Selva Trágica, ainda que não datada explicitamente, refere-se aos acontecimentos nas regiões ervateiras durante os anos áureos da extração da erva, o que permite inferir que o conteúdo narrado passa-se entre o início do século XX e a década de 1930, quando Getúlio Vargas teria extinguido o monopólio da empresa. Seu conteúdo cruza-se com o conhecimento do passado histórico.

No discurso de Luisão, proferido durante

uma reunião com trabalhadores, há informações sobre a constituição da Companhia para extração da erva em 1882, bem como referência a uma lei de 1895, que punha ordem na colheita e estreitava o tempo da safra, lei esta não obedecida pela Companhia. São referências históricas, relacionadas às origens da extração, mas que não coincidem com os relatos, pois os antecedem. Porém, não se fixa num período cronológico, balizado por datas bem definidas. Recorta uma faixa de tempo correspondente à descoberta e exploração de uma mina, um período de safra, sem limites claros. Contudo, é uma narrativa centrada no tempo histórico, narrando linearmente todo o ciclo de produção da erva mate, que exerce uma força de opressão sobre os homens e torna tenso o seu dia-a-dia, marcando as relações interpessoais e as etapas de produção do trabalho.

Inocência Mata (2013), ao tratar a questão da Literatura Mundo em relação às literaturas produzidas em países de Língua Portuguesa e as européias, em que prevalece uma visão eurocêntrica, enfatiza que a Literatura deve ser concebida como conhecimento de mundo, com um pertencimento que vai além, ousando nas abordagens de Mata (2013), entende-se que na Literatura Mundo não há preocupação em situar, exatamente o que ocorre com a produção artística de Donato, demonstrando que nenhuma obra é “solta” na literatura; antes articula-se com outras obras, de tempos, gêneros, culturas etc., diferentes.

O espaço é o elemento fundamental da estrutura da narrativa, agindo na composição do enredo e das personagens, daí a possibilidade da classificação tradicional de “romance de espaço”, que se particulariza por priorizar a descrição do meio histórico e dos ambientes sociais nos quais transcorre a intriga. Observando os tipos de personagens, percebe-se que o espaço, muitas vezes, aparece como personagem básica de alguns romances. Nesses romances, o espaço não é apenas o lugar onde decorre a intriga, mas constitui o assunto da narrativa. Há também outra classe de romance, onde as personagens estariam fortemente vinculadas ou subjugadas ao espaço, como acontece nas narrativas naturalistas. Segundo Dimas (1994),

O espaço pode alcançar estatuto tão importante quanto outros componentes da narrativa (...) em certas narrações esse componente pode estar severamente diluído e, por esse motivo, a sua importância torna-se secundária. Em outras, ao contrário, ele poderá ser prioritário e fundamental no desenvolvimento da ação, quando não determinante. Uma terceira hipótese (...) é a de ir-se descobrindo-lhe a funcionalidade e a organicidade gradativamente, uma vez que o escritor soube dissimulá-lo tão bem a ponto de harmonizar-se com os demais elementos narrativos, não lhe concedendo portanto nenhuma prioridade. (DIMAS, 1994, p. 6)

Observa-se que, na Literatura, apenas recentemente se deu a valorização da representação do espaço, a despeito de sua importância, desde então a categoria espacial na narrativa passou a ser estudada como um dado significativo na produção romanesca, cujo delineamento amplia as possibilidades de compreensão da obra literária pelo leitor. Segundo Genette (1972, p. 105) “Nossa linguagem é constituída de

espaço” e o descaso aos estudos da categoria espacial, que a filosofia bergsoniana exprimia, cedeu lugar, hoje, a uma forte valorização, de certo modo implica o homem preferir o espaço ao tempo. Genette conclui:

Hoje a literatura – o pensamento – exprime-se apenas em termos de distância, de universo, de paisagem, de lugar, de sítio, de caminhos e de moradia: figuras ingênuas, mas características, figuras por excelência, onde a linguagem se espacializa a fim de que o espaço, nela, transformado em linguagem, fale-se e escreva-se. (GENETTE, 1972, p.106)

Sobre as metáforas espaciais, Genette (1972) confirma que elas constituem “um discurso de alcance quase universal, já que delas nos servimos para falar de tudo, literatura, política, música e é o espaço que constitui sua forma, nisto que lhe fornece mesmo os termos de sua linguagem” (p.101).

No **Dicionário de Narratologia** (1987), o espaço é considerado “uma das mais importantes categorias da narrativa, não só pelas articulações funcionais que estabelece com as categorias restantes, mas também pelas incidências semânticas que o caracterizam” (REIS e LOPES, 1987, p. 129). Para os autores, o conceito de espaço tem duas instâncias: primeiro, integra os componentes físicos que servem de cenário para o desenvolvimento da ação e para a movimentação das personagens; segundo, abarca as atmosferas social e psicológica. Os autores consideram que o espaço social não tem o teor estático do espaço físico, configurando-se em função da presença de tipos e figurantes, fazendo conhecer ambientes onde aparecem os vícios e as deformações da sociedade. Já o espaço psicológico constitui-se em função da exigência de tornar evidentes as atmosferas vivenciadas pelas personagens, normalmente descritas por meio de um procedimento técnico narrativo como o monólogo interior. A representação do espaço na narrativa encontra-se demarcada por dois condicionamentos:

ele é um espaço modelizado, resultando de uma *modelização secundária*, representação mediatizada pelo código linguístico e pelos códigos dominantes da narrativa, de onde se destacam os que fazem dela uma prática artística de dimensão marcadamente temporal; por outro lado, a representação do espaço jamais é exaustiva, não evitando a existência de pontos de indeterminação, características e objetos não mencionados, que ficam em aberto para complemento pelo leitor. (REIS e LOPES, 1987, p. 131)

Dessa forma, o espaço está estreitamente vinculado a duas categorias da narrativa: ponto de vista (ou perspectiva) e tempo. A primeira categoria afeta a representação, pois está condicionada ao tipo de posicionamento do narrador ou mesmo ao filtro do olhar de determinado personagem. Na segunda categoria, o tempo, afeta o espaço segundo uma dinâmica temporal, porque mesmo o espaço narrativo está submetido às modificações, inovações, erosões advindas do decorrer do tempo.

A relação do romance com o tempo é absolutamente diferente daquela

estabelecida pela epopéia. Se a distância é justamente a essência da épica, a distância do mundo narrado, o isolamento da contemporaneidade, ou seja, o tempo da narrativa é (re)constituído como memória, destrói-se essa distância e o gênero se afirma como atualidade viva. Segundo Bakhtin (1993), o presente instável e transitório, a “vida sem começo e sem fim”, constitui objeto de representação de um gênero que se constrói inacabado. Entretanto, isto não significa que a representação esteja excluída de seu campo de ação. O que ocorre é um deslocamento do centro axiológico-temporal para a atualidade da escrita, redundando numa nova relação com o mundo representado, uma reinterpretação ideológica do passado. Isto é, a contemporaneidade e a sua complexidade são o ponto de partida para a representação de uma época, mesmo as do passado heróico.

Nesse aspecto, percebe-se uma identificação, uma proximidade, entre as idéias de Lukács, defendidas mais ou menos à mesma época, e as de Bakhtin, já que seu texto é de 1941, e ambos tematizam a perspectiva histórica.

Para a consciência literária e ideológica, o tempo e o mundo tornam-se históricos pela primeira vez: eles se revelam, se bem que, no início, ainda obscura e confusamente, como algo que vai ser, como um eterno movimento para um futuro real, com um único processo, inacabado, que abarca todas as coisas. Todo evento, qualquer que seja, todo fenômeno, toda coisa e, em geral, todo objeto de representação literária, perde aquele caráter acabado, aquele desesperador aspecto de “pronto” e imutável, inerente ao mundo épico do “passado absoluto”, protegido por uma fronteira inacessível do presente que se prolonga e não tem fim. Graças ao contato com o presente, o objeto se integra no processo inacabado do mundo a vir, e nele deixa a sua marca de inacabado. Qualquer que seja a sua distância de nós no tempo ele está ligado ao nosso presente, inacabado pelas contínuas mutações temporais, e entra em relações com a nossa incompletude, com o nosso presente, e este futuro avança para um futuro ainda não perfeito. Neste contexto inacabado perde-se o caráter de imutabilidade semântica do objeto: o seu sentido e o seu significado se renovam e crescem à medida que esse contexto se desenvolve posteriormente. (BAKHTIN, 1993, p. 419-420)

Se o objeto da representação é o passado histórico, esse descompasso torna-se ainda mais óbvio, porque o discurso histórico, exposto às intempéries do presente, assimilado parodicamente pela narrativa, será um importante índice da intencionalidade geral e profunda do escritor e, portanto, do significado ideológico de toda a obra.

Assim como Bakhtin, Osman Lins (1973) considera tempo e espaço categorias intrínsecas e, sendo assim, inconveniente isolar seus aspectos, ou abordá-los de forma estanque. É possível, sim, analisar a função que desempenham e a importância dessas categorias na relação com os outros elementos como o narrador. Ao falar sobre uma análise do tempo ou do espaço é importante enfatizar que a referência é o mundo romanesco, e, portanto o tempo ou espaço são ficcionais, mas vistos como recriação do mundo real.

A história, ou diegese de um romance, é um objeto compacto e intrincado, seus fios se enlaçam entre si: o universo espácio-temporal está nela contido. Apesar de

seus fios enredados, pode-se isolar o componente espacial e estudá-lo por meio de elementos intencionalmente dispostos na narrativa. Ele pode compor uma personagem, absorvendo ou acrescentando, muitas vezes, constituído por seres “coisificados” ou anulando a sua individualidade.

O espaço na ficção não se atém a descrições, em que prepondera a visualidade: ele é muito mais abrangente. Quaisquer que sejam os limites e limiares do espaço descritos na narrativa, ele adquire mais corpo à medida que evoca outras sensações, que não as visuais. Essas questões relacionam-se diretamente com a perspectiva, pois, na ficção, o espaço se organiza a partir de uma entidade centralizadora, seja ela o narrador ou a personagem.

Apesar de seu caráter estático, o espaço pode assumir aspectos variados em termos de extensão: pode ir da imensidão de uma região aos locais limítrofes de uma cidade ou um espaço interior privado. O espaço, nos seus aspectos geográfico, político e cultural, configura-se por meio das observações do narrador e/ou personagens. O deslocamento entre lugares, efetuado pelas personagens e/ou objetos e as ações vão conferir-lhe temporalidade, mas interagindo com ele, esses elementos podem transformá-lo, ou o próprio espaço pode provocar ações ou eventos.

Segundo Lins (1973) deve-se diferenciar espaço e ambientação: a personagem existe no plano da diegese e a caracterização no plano do discurso. A personagem diz respeito ao objeto em si; a caracterização, à sua execução narrativa, o que configura a distância que subsiste entre espaço e ambientação. Então, segundo Lins (1973), ambientação é o conjunto de processos que visem a proporcionar na obra de ficção a percepção do ambiente, para a concretização do espaço considera-se a experiência de mundo, para reconhecer a ambientação necessita-se de certo conhecimento da arte de narrar, transparecendo, assim, os recursos expressivos utilizados pelo autor.

De acordo com estudos de Lins (1973), existem três tipos básicos de ambientação: a franca, a reflexa e a oblíqua. A ambientação franca caracteriza-se pela introdução do narrador com um discurso avaliatório, por vezes mediado pela presença de um ou mais personagens. Quando o narrador é também personagem, a ambientação pode variar, mas, de forma geral, o esquema é o mesmo o narrador observa e narra, verbalizando o exterior. Nela quando o narrador está em primeira pessoa é objetivo; já quando aparece em terceira pessoa, é subjetivo. A ambientação reflexa é caracterizada pela percepção das coisas por meio da personagem, o foco é o personagem e as narrativas são geralmente em terceira pessoa e tal qual a ambientação franca seu caráter é contínuo e compacto. O personagem na ambientação reflexa possui ação passiva e suas atitudes, se registradas, são sempre internas, ao contrário da ambientação oblíqua ou dissimulada, que exige um personagem ativo que demonstre a relação entre espaço e ação, como se as ações fizessem nascer o espaço. Cada processo de caracterização da ambientação possui um lugar determinado na obra e que cabe ao autor utilizá-los de acordo com a eficácia desejada.

Quanto à função que o espaço assume na obra de ficção, não se pode estudar

isoladamente a funcionalidade de um elemento espacial, assim como de uma personagem, de uma estrutura temporal ou qualquer outra categoria narrativa. Deve-se mesmo admitir a hipótese de um espaço ser funcional em determinada sequência que, por sua vez, constitui-se como corpo estranho no conjunto da obra.

O espaço exerce as funções de caracterizar, provocar e de situar a ação. A primeira função, caracterizadora, ocorreria quando o espaço serve de cenário, em geral restrito – um quarto, uma casa -, refletindo, na escolha dos objetos, na maneira de dispô-los e conservar, o modo de ser da personagem. A inserção social desta também pode ser sugerida em grande parte por elementos exteriores, como o bairro ou a situação geográfica. Quando o espaço interfere liberando energias da personagem, ocasionando ou causando a ação, sua função é provocadora. Normalmente a personagem transforma em atos a pressão sobre ela exercida pelo espaço, podendo este propiciar a ação ou provocá-la. Quanto à outra função, de situar a ação, observa-se que muitas vezes o espaço serve exclusivamente para localizar personagem, neste caso, ele é constituído pela relação entre os objetos em si ou entre os homens e os objetos.

Em **Selva Trágica** transparece duas modalidades temporais, uma no plano do mundo imaginário, o tempo da narrativa; a outra na representação do real, o tempo histórico, ambas diluídas no espaço da narrativa. A categoria temporal está condicionada pela linguagem da história narrada, o tempo é representado por meio dos acontecimentos expostos. A narrativa romanesca independe do *continuum* do tempo real em que se seguem as relações de passado/presente/futuro, a noção de continuidade é reforçada pela utilização excessiva de gerúndios: “[...] Os mineiros desafogam o ruim humor da jornada chimarreando, resmungando, catando-se os carrapichos apanhados no vaivém do sapezal.” (p. 14). O desdobramento do tempo na ficção concede ao autor a liberdade de revelar, em algumas páginas, a vida inteira de uma personagem, ou, inversamente, expandir em discurso um episódio que no tempo real não levaria mais que cinco minutos. Assim, na obra literária o tempo é inseparável do mundo imaginário e das necessidades internas de construção da própria ficcionalidade, e pode-se, nesse mundo, questionar o tempo da aventura contada, se no passado, no presente ou no futuro, além do que na história muitos eventos podem desenrolar-se no mesmo espaço.

Como em toda narrativa histórica ficcional, a objetividade da narração, combinada com a subjetividade do discurso das personagens, constrói uma ambivalência aos moldes da ficção, fazendo o romance distanciar-se do real. Tal procedimento liberta a narração da trama, dos marcos cronológicos. Em **Selva Trágica**, o autor utiliza recursos próprios para traduzir sua temporalidade. Recusa o compasso do relógio ou a sequência do calendário para chamar atenção para um tempo centrado nas ações de comando e obediência e, ainda, na rotina dos dias da gente daquela região.

Em **Selva Trágica**, o desenrolar das ações não ocorre num período longo por meio do qual se operam grandes transformações na vida dos protagonistas. O que existe

é um recorte de uma faixa de tempo correspondente a um conflito social. Muito mais que a delimitação cronológica das ações, o tempo orienta-se pela expressão da rotina cósmica, sob o efeito da alternância entre o dia e a noite, e por uma caracterização psicológica, ou seja, a revelação dos sentimentos na fugacidade do tempo. Assim, a história se estrutura num jogo de tensão entre o tempo do contar, ou da enunciação, segundo Genette (s.d.), e o tempo contado, ou do enunciado. Por isso, é possível constatar as relações entre a diegese e a narrativa enquanto discurso e perceber na diegese a sua correlação com o tempo cronológico dos acontecimentos, o tempo objetivo, marcado pelo calendário, pelo ritmo das estações, os dias e as noites, etc., e no tempo do discurso narrativo, o engendramento significativo do texto romanesco.

O modo de narrar de **Selva Trágica**, ainda numa perspectiva generalizada, orienta-se por uma variedade de tempos alternados provocando uma quebra na linearidade da narrativa. O romance intercala vários episódios numa rede de situações simultâneas, figurando uma manobra do narrador em via dupla, por um lado, a simultaneidade de situações está em função de um fato progressivo que constrói o fio condutor da narrativa, por outro, a caracterização de várias histórias, como a dos mineiros (Pablito, Pytã, Augusto), dos Changa-y (Osório), dos funcionários da companhia (Isaque, Casimiro, Lucas, Curê), das mulheres (Flora, Zola ou Nakyrã), que ampliam a tensão dramática.

A ação é suspensa e outros fios são buscados: a descoberta de uma nova mina, o relacionamento de Uru com Zola, o plano arquitetado por Isaque para se apossar de Flora; a saída dos perseguidores, comandados por Casimiro para recuperar os fugitivos; a relação forçada de Flora com Isaque e as consequências do ato; o retorno de Pablito e o seu reencontro com Flora; retomada da fuga e encontro dos fugitivos; a morte de uma menina e o velório; a morte do Uru e de Bopi. São pausas que retardam o andamento da narrativa. Assim, o enunciado tem um tempo próprio, que poderia ser linear e marcadamente cronológico e que se prende à fuga. Se o leitor optar por imprimir nesta parte da narrativa só a fuga, ele terá um tempo do enunciado rente com o tempo da enunciação. No entanto, é evidente que o tempo da narrativa é outro. A tensão se mantém e o tempo serve para alimentar a expectativa do leitor e se constitui como uma técnica de construção deste romance. O mesmo pode se observar em relação ao episódio do assédio à Flora, perpetrado por Isaque, na oitava parte do segundo capítulo; ao fio da narrativa principal intercala-se a saída dos perseguidores de Augusto.

O uso do tempo marcadamente cronológico, pela sucessividade das ações do cotidiano, é também um procedimento que adquire relevância, pois funciona como um instrumento de pressão/opressão na vida do ervateiro. O tempo e o espaço se definem bem e vetorizam a ação do homem no contexto do romance. Os eventos referentes à Semana Santa são relatados no quinto capítulo da narrativa, quando se verifica o uso especial do tempo com marcas de linearidade cronológica. Parece que o narrador se desprende da tensão temporal e elabora um exercício de estilo, privilegiando o passar

claro do tempo e explicitando sua presença como elemento condutor da ação, assim como ocorre uma trégua nos conflitos e tensão da narrativa.

O tempo é o do calendário e abrange o período compreendido entre o sábado anterior ao Domingo de Ramos e o Domingo de Páscoa. Nesse momento, instaura-se um novo tempo na vida dos mineiros, o qual suspende o seu cotidiano de sofrimentos e lhes oferece uma trégua, onde tudo se pode fazer, menos trabalhar. Tempo misto de sagrado e profano, a liberação de costumes e de busca de alguma felicidade, no desregramento e na aparente liberdade.

O tratamento dispensado ao tempo pelo autor confere a esse romance qualidades literárias que o distinguem da série social, ainda que haja intenção deliberada de denúncia das injustiças perpetradas contra os trabalhadores dos ervais do sul de Mato Grosso.

O tempo também constrói o discurso e revela a História, pois é uma forma de busca da transformação social, em que se mostram as ações do passado como precedentes de situações do presente, contrapondo a ilusão da verossimilhança a da historicidade:

- Uma luta deste porte não começou ontem, nem pode acabar hoje. Durou tempo, engoliu muita gente, enriqueceu uns poucos e desgraçou milhares. Começou com a regulamentação da pode, coisa que ninguém obedeceu. Agora, mandaram dizer que o Governo decretou a extinção do monopólio. Todos vocês podem pedir a concessão e tirar a erva. Isto custou dez anos de espera. Não pensem que com isso – esse papel do Governo – os apuros se acabaram. O Governo está longe, tem vista fraca demais para enxergar o que se passa no meio do mato. E a erva está no meio do mato. Não nos jardins do palácio do Governo. Agora vamos lutar contra outro tipo de poder: o dinheiro, a política, o suborno, a malícia. (DONATO, 1976, p. 198)

Em **Selva Trágica**, o tempo exerce também a função de um marca-passo da coletividade social. Ele está indexado ao processo de luta, de busca de direitos de um determinado grupo e é, sob essa perspectiva, que compreendemos o porquê do narrador deste romance marcar tão acentuadamente a categoria temporal no decorrer da história.

O espaço romanesco engloba a floresta, as vastidões da mata, as amplitudes das distâncias. Espaço aparentemente aberto, porque é por ele que os ervateiros perambulam em busca de ervais, das minas. No desenrolar da narrativa, contudo, o espaço vai se revelando fechado, opressor e acaba oprimindo o homem, incapaz de escapar dele, pois é nele que está o meio da sobrevivência de uma vida subumana de trabalho forçado, de exploração, miséria e injustiças, onde a liberdade e a vida são furtadas do homem, e as hostilidades da selva se revelam: “O lugar era seco. Puderam ralejar a tacupi lateral pois os biriguis bebedores de sangue não seriam tantos. Em troca, careciam de um reforço entrelaçado nos baixos por medo às cascavéis.” (p. 196).

Nesse espaço, o trabalhador é nômade, predador. Lugar de desafios e infortúnios,

de geografia acidentada, inóspita. No emaranhado da mata, o homem sente-se diminuído, impotente. A vegetação o sufoca, e os caminhos, os trilhos, as veredas são picadas por abrir. Para se orientar em geografia tão adversa é preciso subir ao topo das palmeiras, descortinar rumos e prosseguir:

Olha a direita e não vê mais do que selva. Avisa:

- Mato alto.

- Na esquerda?

- Mato alto.

- Na frente?

- Mato alto. Depois, uma baixada. E água pouca. Depois sapezal. (DONATO, 1976, p. 9-10)

Na vastidão da selva, espaço de perdição, as personagens ficam confinadas nos casebres, nas barracas, nas taperas, nos ranchos provisórios e improvisados que mais constroem que acolhem seus moradores. São habitações que impedem a privacidade da vida íntima dos trabalhadores e convidam o homem a transgressões de toda ordem e limites, tornando-os menos humanos e mais animais, distanciando-os da simbologia da casa como lar, conforto, repouso, acolhimento.

O espaço oprime as personagens não apenas no que tange à escassez ou precariedade da moradia, mas pela falta de livre trânsito pela mata fechada, repleta de empecilhos, como animais ferozes, cobras e mosquitos, situação ainda mais agravada pela opressão dos patrões, que lançam os ervateiros num confinamento. O mineiro é forçado a trabalhar de forma desumana, sob pressão de capatazes, verdadeiros algozes dos trabalhadores, e de um lugar que não oferece nenhuma segurança.

Detidos nesse lugar, os ervateiros inconformados tentam fugir, mas são barrados, não só pelos comitiveros, funcionários da Companhia, como também pela dificuldade em transpor um espaço hostil composto de mata, rios, colinas, pedras, bichos, que dificultam ultrapassá-lo e conquistar a liberdade: “O mato não estava a favor dos fugitivos. Fechado, ruidoso, agressivo.” (p. 81). Agredidos por esse espaço, os mineiros tentam fugir e acabam, em sua maioria, caçados como animais, capturados e sacrificados, “– Tontices! Vi dezenas de mineiros pular no mato mas são menos do que os meus dedos os que atravessaram o rio. Quem não voltou amarrado e acabou no chicote, morreu baleado por aí. Nos ervais ninguém chega a velho.” (p. 17).

Se a mata corresponde ao espaço fechado, que oprime, o rio é o referencial espacial que liberta, esperança vital, aspiração de mudança, desejo de liberdade, de um futuro melhor, por isso, “alcançar o rio”, para os ceifadores fugitivos significava alcançar a liberdade, a vida; “Além, no fundo, entre colinas e matos, o rio esticado e ondulado pelos caprichos da lua. Bastava atravessar o campo e cair no rio! Chegar ao outro lado do rio queria dizer estar a salvo.” (p. 181).

Postas em seus limites de constrangimentos, as personagens entram em conflito com o mundo em que vivem, cenário de sofrimento e repressão, que transforma o

homem em um ser menor, impotente, forçando-o a permanecer em um espaço que o degrada em todos os sentidos: “E foi só trabalho e trabalho, e cobra, e calor, e suor, e medo! Isso é o que era o erval! Um bom pedaço de mato com erva de idade, isso era também.” (p. 125), este polissíndeto iconiza o enredamento, o círculo e o cerco que enredam o homem.

Nessas condições o homem torna-se um ser degradado circunscrito a um espaço também degradado. Reflexos de uma estrutura social e econômica, em que uma minoria enriquece por meio da exploração do trabalho de um grande grupo. O espaço físico remete à opressão que se denuncia como aspecto particular de um universo socioeconômico atravessado pelos excessos de uma exploração desumana e brutal, como ocorre no momento do assassinato do mineiro fugitivo, em que o narrador descreve a naturalidade com que Casimiro desempenha a sua função:

[...] voltou-se, apanhou o chapéu e já andando chamou um de seus homens pelo nome. Desceu a colina até o meio e procurou concentrar-se na lua que começou a descer. Ouvia o tiro. Esperou o eco afastar-se na trilha, para além do rio. O eco de tiros, sim, sempre chegava ao rio. Os fugitivos do erval, jamais. (p. 187)

Contrariamente ao espaço romântico, onde a natureza é vista como um cenário paradisíaco, edênico, de equilíbrio, de emoções e de recuperação de vigor físico, o espaço em **Selva Trágica** mostra-se como tensão e conflito. Ao mesmo tempo é o espaço da denúncia, da vida contra a morte, da liberdade cerceada pela opressão, apanágio da literatura neorrealista. A natureza é concebida como fator antagônico aos ervateiros, cenário de sua tragédia. O verdadeiro responsável pelo inferno dos mineiros, em meio à selva, é o sistema capitalista representado pela Companhia Mate Larangeira, que explora de forma desumana e gananciosa o mineiro, escravizando-o.

A esperança de liberdade dos ervateiros estava no líder Luisão, que sem medo, lutava pelo fim do monopólio da extração da erva, mostrando aos políticos os desmandos da Companhia. Quando o Governo resolve extinguir o Monopólio da Companhia, é Luisão quem leva a grande notícia aos já enfraquecidos e sofridos ervateiros. A esperança de melhorar estava no fato de agora todos poderem obter a concessão para a extração da erva.

Asituação trágica do homem nos ervais faz com que ele tome atitudes monstruosas e veja a morte como uma realidade circundante, que pode chegar a qualquer momento, da forma mais inusitada possível. Por meio de acidentes previstos, por definhamentos devido ao trabalho forçado e sem segurança, por doenças naturais, por falta de assistência médica, por assassinatos que serviriam como exemplos, por tentativas de fugas. Não há um futuro compensador para o mineiro-ervateiro, abandonado à própria sorte, a sua única certeza é a morte.

Diante disso, presencia-se o homem vulnerável à derrota em todos os sentidos, tanto espiritual como moral e físico, ante o poderio das forças contrárias, o do capitalismo da Companhia de erva-mate. Resta uma conclusão: “tudo é assim por

assim tem de ser no erval” (Donato, p. 190), reflexo do abandono e do conformismo geral. Por isso não há luta, nem esperança de transformar o meio em que vivem. A entrega é, praticamente, total como é total a alienação, devido a falta de consciência de grupo, e o único protesto é a fuga mal sucedida. Portanto, os trabalhadores vivem entorpecidos pela tragédia humana diária e trabalham sob a tensão da morte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética** (A Teoria do romance). Trad. Aurora Fornoni Bernadini et al. 3. ed. São Paulo: Edunesp/Hucitec, 1993.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

DONATO, Hernâni. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

GENETTE, Gérard. **Figuras**. Trad. Ivonne Floripes Mantoanelli. São Paulo: Perspectiva, 1972.

_____. **Discurso da narrativa**. Trad. de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega, s.d.

LINS, Osman. **Lima Barreto e o espaço romanesco**. Tese de Doutorado. Universidade de São – USP -, São Paulo: 1973.

MATA, Inocência. Literatura-mundo em português: encruzilhadas em África. In: **Anuário de Literatura Comparada**, 3, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013, (p. 103-118).

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-070-4

